

# Síria entre Progressismo e Tradicionalismo

Ivo Sobral\*

p 67-73

## Introdução

*“When people can move freely between Syria, Israel, Palestine, Jordan and Egypt, a great change will take place. . . Our people will enjoy life without bad dreams of the martyrdom of their children, we will improve living conditions and we will open up to the international community. The impact of peace will be bliss for the entire region.”<sup>1</sup>*

A Síria constitui um caso de estudo fundamental para compreender o mundo árabe. De facto, o pioneirismo político evidenciado por Damasco desde a sua formação revela que é em Damasco que eclodem tendências políticas e governativas posteriormente seguidas pelo mundo árabe. Podemos dizer que desde o facto de ser a primeira nação a libertar-se do domínio colonial europeu, até à visão Pan-Arabista e o lugar de nascimento do Partido Baath, a Síria foi inovadora na distanciação do ocidente assim como na perseguição de uma política árabe independente em todos os sentidos.

Damasco adopta, particularmente a partir de 1971, também uma ideia de “realpolitik”, inovadora e que permanece até aos nossos dias. Esta baseia-se na perseguição de um ideal político baseado nos interesses nacionais internos, e portanto uma visão mais tradicionalista. As guerras com Israel e a influência no Líbano permanecem os aspectos mais visíveis, isto para o observador menos atento da realidade da política de Damasco. Mas Damasco surpreendeu de novo tanto internacionalmente como os seus anteriores aliados iraquianos em 1991, quando decidiu fazer parte da coligação americana para libertar o Kuwait.

O Líbano permanece o coração do problema da Síria e para a comunidade internacional menos influência da Síria é sempre melhor para o governo de Beirute. Mas apesar das condenações internacionais e de algumas retiradas, o controlo do Líbano permanece uma constante imutável para Damasco, e aparentemente uma questão de legitimação interna do governo.

\* Universidade Fernando Pessoa  
GRI / International Relations Office

<sup>1</sup> Recentes declarações de Faysal al-Miqdad. (representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Síria). Chicago Tribune 17 de Junho 2008. Existem actualmente uma série de negociações secretas entre os governos de Telavive e Damasco, estas negociações foram realizadas e apoiadas pela Turquia.

## Independência

Os contornos físicos da Síria são uma criação e construção negociada e acordada entre a Inglaterra e a França logo a seguir à 1ª Guerra Mundial. Contudo, a ideia e construção mental por detrás da ideia de estado nação siriana, é que existia uma grande Síria designada como Bilad al-Sham (literalmente terras do norte). Esta zona compreendia o Líbano, Israel, Jordânia e Palestina mas efectivamente esta realidade foi separada pelo poder das grandes potências europeias, que através da constituição do chamado sistema de mandatos, controlaram e administraram fisicamente toda a região<sup>2</sup>. Mas o estigma desta forçada separação e a concepção de uma Grande Síria acompanhou sempre uma posição de primeiro plano na política da Síria, tanto numa concepção maior da grande Síria como numa visão alargada Árabe e profundamente nacionalista. Esta concepção política é única no mundo árabe. De facto, de raiz as elites dominantes de Damasco possuíam uma visão internacionalista, pelo menos no que concerne a identidade Árabe e as áreas circunstantes. Esta ideia concedeu-lhes uma posição de liderança política natural no mundo árabe.

A real ocupação europeia só acaba a partir do final da 2ª Guerra Mundial, com o fim do domínio colonial francês, mas em 1946 Damasco é finalmente senhora dos seus próprios destinos. A perseguição do ideal histórico da grande Síria passa a ser uma realidade somente em 1958, com a constituição da chamada Republica Árabe Unida, só possível através do apoio egípcio e do seu carismático líder Gamal Abdel Nasser. De facto, a Síria sofreu até esse momento de uma instabilidade e fraqueza política, alimentada pelos receios de uma tomada de poder tanto por forças afectas a Washington como a Moscovo. Mas a ideia de uma pátria árabe que se estendia do Nilo ao Tigre, apesar de agradar às elites, era muito difícil de se tornar uma realidade e, com a rapidez com que foi formada, a Republica Árabe desapareceu de novo em 1961. Esta implosão foi despoletada com mais um golpe de estado militar em Damasco. Em 1963, contudo, outro golpe impõe uma nova ideologia política que ainda dura até aos nossos dias: o chamada Pan-Arabismo, protagonizado pelo chamado Partido Baath.<sup>3</sup>

## Baath e o Pan-Arabismo

O partido Baath (Partido da Ressurreição) nasceu efectivamente em Damasco no ano de 1943<sup>4</sup>. O partido baseava a sua ideologia numa percepção Internacionalista Árabe, o chamado Pan-Arabismo. Este conceito não se baseava em um ideal nacional limitado a um país, mas sim baseava-se na chamada “irmandade árabe”, isto é nos laços culturais e linguísticos que uniam as várias nações árabes. Nesta visão existiria uma única nação árabe que se estendia desde o Iraque até Marrocos. Outra característica do novo partido era a sua visão secular do poder e da sociedade, ou seja a separação definitiva entre o poder religioso e político<sup>5</sup>. Em termos económicos e sociais o Baath baseava-se

<sup>2</sup> Kamrava, Mehran. *The Modern Middle East: A Political History since the First World War*. University of California Press. Berkeley 2005. Pag. 35-106.

<sup>3</sup> Humphreys, Stephen. *The Strange Career of Pan-Arabism*. In: Hourani, Albert; Khourry, Albert, Wilson, Mary. *The Modern Middle East*. I.B. Taurus. London 2004. Pag. 577-596.

<sup>4</sup> Humphreys, Stephen. Pag.587.

<sup>5</sup> Rodinson, Maxime. *Gli Arabi: storia, caratteri, ideologia, prospettive*. Sansoni, Florença 1980. Pag. 97-133.

e inspirava-se em um modelo de desenvolvimento Marxista e com uma forte componente populista.<sup>6</sup>

Internamente na Síria o partido Baath permanecia inicialmente uma força política marginal mas que lentamente adquirira poder junto das forças armadas e dos seus oficiais. O domínio Baath em Damasco já era efectivo desde 61 mas em 1966 outra facção Baath ainda mais fervorosamente Pan-Arabista tomou conta do poder. Este novo movimento Baath desejava roubar a Nasser e ao Egipto a liderança do mundo Árabe, acusando-o de passividade em relação a Israel. A junta militar Baath alimenta a sua base de apoio com a popular hostilidade contra Israel, patente em quase todos os países árabes. Esta sede de confronto com Israel poderá ter sido uma das razões da eclosão da guerra Israelo-Árabe de 1967. Mas a junta militar Baath da Síria não sobrevive ao embate militar com Israel e cai pouco tempo depois. Chega então ao poder em 1971 um outro militar Hafiz al-Asad. Este sobrenome Asad dominará as próximas décadas da política da Síria até aos nossos dias.

## Realismo Político

Com Hafiz al-Asad a Síria alinha-se e recebe apoio militar do Bloco de Leste. Nesta posição o governo de Damasco encontra-se mais protegido contra o seu inimigo de Telavive, apoiado pelos EUA. Assim a Síria entra decisivamente no tabuleiro de xadrez da guerra fria, pelo menos por agora. Apesar do auxílio soviético a elite dirigente de Damasco nunca é infiltrada pelos soviéticos à semelhança do que acontece em Bagdade e nos anos 60 no Cairo. O partido Baath mantêm-se um organismo autóctone independente que aproveita o apoio soviético de uma maneira muito eficiente para promover interesses nacionais, isto apesar de retirar inspiração da planificação soviética da economia, assim como da semelhança entre o regime soviético de partido único e o partido Baath da Síria.

O nacionalismo pan-árabe permanece uma característica da política de Damasco mas é apenas uma fachada e um apoio de ocasião para ser usado para estabelecer alianças, em particular com todos os movimentos palestinos que combatem Israel. Mas a “realpolitik” de Asad é baseada somente na perseguição dos interesses nacionais da Síria. Os momentos de ouro da causa ideológica internacionalista já há muito tempo que são uma recordação: a própria presença da Síria no Líbano é aparentemente justificada para contrastar Israel mas na realidade é baseada no antigo sonho da constituição de uma grande Síria, onde o Líbano seria apenas mais uma província.

O governo de Hafiz al-Asad baseia-se na instituição do partido Baath que agora infiltrou e dominou por completo a sociedade. O controlo foca-se na repressão política e na imposição de um regime baseado no culto da personalidade. Assad conhecia muito bem a sociedade e a cultura política onde se movimentava<sup>7</sup>. Estas medidas justificam em parte a longevidade da “leadership” do Presidente Assad ao longo de quase 1/4 de século mas temos igualmente que ter em consideração a astuta e fria lógica política do “Raís”<sup>8</sup> de Damasco. De facto em 1990-1991 com a chamada 2ª Guerra do Golfo, a Síria

6 O expoente máximo do populismo e da força desta nova ideologia foi Nasser, o líder egípcio que cavalgou com sucesso o pan-arabismo. Os discursos do egípcio eram seguidos por todas as massas árabes fosse qual fosse a sua origem.

7 Hafiz al-Asad têm uma origem rural e humilde, assim como uma educação militar sólida na força aérea, com uma limitada exposição ao ocidente. Isto contribuiu para a sua popularidade dentro da sociedade, assim como para a sua familiaridade com a cultura política e social da Síria. Para maiores detalhes ver: Zisser, Eyal. *Asad's Legacy, Syria in Transition*. Hurst Publishers, Londres, 2000.

8 Designação que significa Líder em Árabe: tem uma conotação quase tribal e é também semelhante à designação de líder incontestado e absoluto.

surpreendentemente alinou-se com a coligação liderada pelos EUA contra o Iraque. Esta posição prova em definitivo o esgotamento do modelo político internacionalista pan-árabe por parte da Síria porque o Iraque constitui igualmente outra nação árabe onde a liderança é controlada pelo partido Baath. De facto podemos dizer que o Iraque é “quase um irmão” para a Síria não somente em afinidades políticas mas também em afinidades sociais e populacionais.<sup>9</sup> Mas a posição contra Bagdad encontra-se justificada pelo fim da guerra fria e pela tentativa de romper o isolamento político e económico que a Síria sofria.

## Asad II

*“I do not see ourselves isolated. Perhaps there is a disagreement in world view with the other Arab countries, but we have good relations with all the regional and world parties, and relations have even improved regarding countries which there where perhaps problems in the past. . . our relations with Turkey, which in the past stormy, are today in the best possible shape, and also our relations with Russia, China, India, and Europe are good.”<sup>10</sup>*

A questão da sucessão política no Médio Oriente é sempre um factor de instabilidade mas a incógnita da sucessão tem sido resolvida pelo aparecimento de “dinastias” políticas em países totalmente laicos e sem qualquer monarquia. Esta passagem de poder dá-se dentro da própria família e a Síria é o primeiro exemplo bem sucedido desta passagem de poder dinástica<sup>11</sup>. Esta sucessão apesar de ter sido preparada por Hafiz al-Asad, não deixa de ser surpreendentemente pacífica e eficaz. A nomeação de Bashar al-Asad teve o condão de manter consensos e equilíbrios nas elites dominantes<sup>12</sup>.

Com a morte do presidente Hafiz al-Asad em 2000, segue-se o seu filho Bashar al-Asad. De facto o presidente Bashar parece ser o herdeiro da política do seu pai. Inicialmente poucas aberturas foram feitas pela parte governo, apenas uma série de medidas de revitalização da economia. Estas medidas, apesar de serem importantes na abertura e modernização do país, seguem um precedente estabelecido pelo seu pai já entre 1970 e 73, pouco depois de ter subido ao governo e pouco tempo antes de impor as medidas marciais que efectivamente oprimiram qualquer oposição política interna.<sup>13</sup>

No entanto não podemos comparar as duas pessoas de maneira nenhuma. Bashar al-Asad é a favor de extensas reformas económicas na Síria incluindo a difusão de internet e a reforma das instituições de ensino. Relativamente à política interna a questão já é diferente: permanecem os bloqueios à liberdade de expressão: mas curiosamente a evolução tecnológica na televisão no médio oriente, assim como o aparecimento de novos canais,

9 Tanto Bagdad como Damasco, para além da união comum através do partido Baath, têm ainda o legado familiar e tribal. Podemos citar o exemplo da confederação tribal Sammar com cerca de 8 milhões de pessoas divididas entre o Iraque e a Síria. Esta confederação apoiou sempre os governos de ambos os países. Ver: Gervásio, Gennaro. Doppo lo stato, restanno le tribu. In: Limes Rivista Italiana di Geopolitica, nº2, 2003, Pág. 121-130.

10 Entrevista com o Presidente da Síria Bashar al-Asad. In: MEMRI Special Report. Fevereiro de 2004.

11 Outros países como o Egipto, Líbia, e até o Iraque de Saddam. A ideia de um legado político de sangue é uma possível realidade para o futuro, para não falar das várias monarquias árabes. O caso da Jordânia é particularmente óbvio mas no caso da Síria falamos de uma sociedade laica e republicana, daí o seu factor inovador.

12 De facto a nomeação do Presidente Bashar satisfaz tanto as elites Baath e Alawi. Esta última é uma minoria religiosa que desde a independência da Síria domina as forças armadas e abraça a ideologia Baath mas os Alawi mantêm-se como um grupo a parte, mais uma minoria do mosaico religioso e cultural que é a Síria.

13 Cantori, Louis. Political Succession in the Middle East. In: Middle East Policy Vol.IX, Nº3, 2002, pp 105-123.

introduziu um factor decisivo que restringia fortemente o sucesso de qualquer censura. Portanto o controlo dos média e os tabus que foram criados nos meios informativos no tempo de Hafiz al Assad não faziam sentido na nova sociedade<sup>14</sup>.

Internamente o jovem presidente teve que lidar com as revoltas da minoria curda em 2005. Estas são reflexo também da guerra no Iraque. De facto os curdos iraquianos impuseram um estado no norte do Iraque, o que influencia notavelmente todos os países vizinhos que têm minorias curdas dentro das suas fronteiras, como é o caso da Síria. Outra consequência para a política interna da Síria derivada do conflito iraquiano é o aparecimento de franjas radicais muçulmanas a operar na própria Síria, à semelhança do que aconteceu no início da década de oitenta, com a Irmandade Muçulmana, contra o anterior regime Baath.

## Isolamento e Tensão Internacional

Em termos internacionais a dinâmica após o 11 de Setembro de 2001 impôs pesadas sanções sobre a Síria. Inicialmente existiu uma aproximação em relação aos EUA, no que concerne à luta contra o fundamentalismo islâmico e a Al-Qaeda<sup>15</sup>, mas a posição de Damasco em relação ao Líbano e o apoio ao movimento do Hezbollah condenaram esta hipotética aproximação a Washington<sup>16</sup>. A intromissão de Damasco na política Libanesa continuou a limitar qualquer abertura<sup>17</sup>.

A guerra do Iraque e o sentimento de isolamento e provável cerco político e geográfico condicionam a política externa da Síria. Na verdade, a ligação com o Líbano ganha ainda mais importância e o apoio ao Hezbollah aumenta, foi igualmente estabelecido um acordo de defesa e cooperação com a Republica Islâmica do Irão. Este representa uma movimentação política sem precedentes na Síria e é explicada pelas necessidades de “realpolitik”. De facto o Irão já há muito tempo que é um antagonista dos EUA e de Israel na zona: Irão e Síria passam a fazer parte do chamado “Eixo do Mal” proclamado por Washington. As sanções contra a Síria aprovadas pelo congresso norte americano em 2004, estas baseadas em alegações de posse de armas de destruição maciça, condicionam qualquer reforma económica de Damasco<sup>18</sup>.

Temos igualmente que referir o caso do assassinio de Rafic Harire, o influente político libanês. É relevante toda a questão da acusação da comunidade internacional em relação à intervenção da Síria no Líbano e alegado envolvimento dos serviços de segurança da Síria na organização e execução do atentado contra Harire em 14 de Fevereiro de 2005, assim

14 Ghadbian, Najib. Contesting the State Media Monopoly: Syria on Al-Jazira Television. In: Middle east Review of International Affairs. Vol.5, Nº2 2001.

15 Devemos recordar que o governo da Síria desde a sua formação e dentro da sua própria génese é particularmente laico e nunca tolerou movimentos islâmicos dentro das suas fronteiras já que têm consciência plena que estes são igualmente ameaças contra o seu governo. De igual maneira podemos igualmente ver que Damasco tentou ao máximo evitar qualquer confronto com Washington. A Síria fechou muitas vezes a fronteira com o Iraque e expulsou e deteve tanto militantes radicais palestinianos como militantes fundamentalistas que passavam em direcção ao Iraque. Mas com o passar do tempo a posição americana no Iraque torna-se insustentável e em si torna-se um bloqueio a qualquer intervenção americana em outro país. Salhani, Claude. Syria at the Crossroads. In: Middle East Policy Vol.X, nº3, 2003, Pag. 136-143.

16 Para não referir as acusações feitas por Washington a Damasco, onde os americanos acusam a Síria de ajudar e apoiar a guerrilha iraquiana contra as forças americanas, assim como facilitar a passagem de novos recrutas islâmicos em direcção ao Iraque.

17 Rabasa, Angel; Bernard, Cheryl; Chalk, Peter; Fair, Christine; Karasik, Theodore; Lal, Rollie; Lesser, Ian; Thaler, David. The Muslim World After 9/11. RAND Corporation. 2004.

18 De facto foi proibido qualquer comércio de e para a Síria com excepção de alimentos e medicamentos. Apesar desta limitação, continuam referir que estas sanções são feitas por parte dos EUA, o que quer dizer que outros países interessados arranjam sempre maneira de investir na Síria. Esta é uma situação bastante comum no Irão que sofre estas mesmas sanções desde 1980, o que nunca impediu a infusão de capitais estrangeiros e investimentos financeiros de relevo.

como dos outros inúmeros atentados que vitimaram figuras políticas e públicas libanesas. Esta questão foi crucial para isolar completamente a Síria. Também nesta perspectiva importa referir o conflito de 2006 entre Israel e o Líbano, em particular com o Hezbollah. Apesar de não estar fisicamente ligada ao conflito é importante sublinhar o apoio logístico e militar que Damasco concede às milícias do Hezbollah.

Outro factor de tensão foram as alegadas acusações por parte de Israel referentes ao desenvolvimento de armas nucleares por parte de Damasco e o consequente ataque relâmpago israelita em Setembro de 2007.

## Reformas

As intenções iniciais do jovem “Raís” de Damasco assentavam-se numa progressiva privatização da economia da Síria baseada nas instituições bancárias assim como nas instituições universitárias. Existiu uma importante reforma do sistema fiscal, com o objectivo de atrair investimentos e aumentar a competitividade das empresas nacionais. Um dado adquirido é a tentativa de eliminar progressivamente o controlo e a presença do aparelho Baath, que engloba todos os serviços públicos assim como todos os aspectos da educação. É importante referir que é abolido neste sentido o regime militarista e vocacionado para o culto da personalidade que existia nas instituições de educação<sup>19</sup>. Outro problema crónico da Síria é associado ao desemprego endémico, que poderá inclusive chegar até aos 25% mas as reformas não foram capazes de afrontar esta dificuldade. Existe uma falta de investimento estrangeiro no país apesar dos recentes acordos que realizados, tanto com investidores do Golfo<sup>20</sup>, como com países europeus<sup>21</sup>.

Existem alguns indicadores positivos como o crescimento do PIB, que em 2007 foi de 3,9%. Para 2008 o fundo Monetário Internacional espera que possa atingir os 4%<sup>22</sup>. Existe ainda a questão iraquiana. Os refugiados iraquianos estão curiosamente a ser uma fonte de rendimentos: a fuga de capitais de Bagdade tem como destino Damasco.

Mas inevitavelmente existem as barreiras internacionais e os embargos económicos, os quais foram reforçados pela parte dos EUA já em Fevereiro deste ano. É igualmente conhecida a pressão internacional americana que muito recentemente conseguiu cancelar um acordo de investimento na Síria, de cerca de 1 bilião de dólares, por parte da empresa turca de comunicações Turkcell.

As relações económicas entre o Líbano e a Síria já não têm o carácter quase de Cartel<sup>23</sup>, que tinham no passado mas são ainda fundamentais para Damasco. De facto o Líbano continua ser o principal mercado de escoamento para os produtos da Síria, particularmente produtos energéticos.

19 De facto os uniformes militares usados na escola e universidade, foram substituídos por roupa colorida, como um símbolo de afastamento em relação à anterior política Baath. Esta política existia há mais de 40 anos e constituía um instrumento óbvio de endoctrinamento político e ideológico. Ver: Alahmar, Wassim. La Síria in Bilico. In: Limes Rivista di Italiana di Geopolitica. Quaderni Speciali n°2, 2004. pp183-190.

20 Ver: Upbeat in Syria. In: Economist Intelligence Unit Views Wire. 05/06/2008.

21 Como é o caso do investimento da empresa cimenteira francesa Lafarge que vai investir cerca de 1, 2 biliões de dólares na Síria, para construir duas fabricas de cimento. In: Agence France-Press 08/06/2008.

22 Heba, Saleh. Syria sees benefits of liberalisation. In: Financial Times FT.com, 18/05/2008.

23 Existia até há muito pouco tempo um verdadeiro sistema vicioso de controlo da economia do Líbano. A economia era controlada totalmente pela Síria: telecomunicações móveis e internacionais, tráfico de gás e petróleo fornecido ao Líbano a preços muito superiores ao mercado, controlo dos dividendos do “Casino du Liban” por parte de Damasco, controlo das receitas aduaneiras dos portos e aeroportos Líbano por parte da Síria. Ver: Trombetta, Lorenzo. Un Líbano fuori dalla Síria. In: Limes Rivista Italiana di Geopolitica. N°3 2005. Pag. 155-165.

## Perspectivas

Grande parte do futuro da Síria baseia-se na resolução dos conflitos com Israel e na questão Libanesa. Estas são duas realidades que condicionam a abertura do país ao exterior e consecutivamente o seu desenvolvimento. As duas questões estão ligadas já que o destino dos Montes Golan e a normalização das relações entre Damasco e Telavive irão definitivamente mudar a realidade libanesa<sup>24</sup>.

A abertura de negociações secretas entre Israel e a Síria com o patrocínio da Turquia poderá ser fundamental para a abertura final da Síria e a definitiva saída do grupo dos chamados estados “Canalha”<sup>25</sup>. A realidade libanesa e a actuação do Hezbollah poderão ser efectivamente afectados por um eventual acordo entre Israel e Síria: o Hezbollah poderá perder o apoio da Síria já que este mesmo apoio será certamente uma das moedas de troca de Damasco<sup>26</sup>.

O ano de 2008 é igualmente dominado pela nomeação por parte da UNESCO de Damasco como capital da Cultura Árabe. Esta mesma decisão envolta em muitas polémicas não deixa de agradar à elite dominante da Síria que olha esta nomeação como um reflexo da antiga veia de liderança intelectual que a Síria herdou do antigo império Omíada<sup>27</sup>. A conjugação destas duas iniciativas pode definitivamente catapultar a Síria para uma nova fase de abertura e crescimento. A dicotomia progressismo e tradicionalismo poderá ser superada e as novas tentativas de mediação do confronto com Israel podem trazer ainda este ano o início do fim deste antigo conflito.

24 Williams, Dan. Israeli Envoys Propose Olmert meet Syria Assad's. In: ABC News, 16/06/2008.

25 Designação imposta pela administração norte americana. A Síria é o chamado “Rogue State”, ou seja estado fora de todas as leis internacionais. Esta designação é complementar ao acima referido “Eixo do Mal” ou “Axis of Evil”.

26 Rafee, Raed. Lebanon: more violence and worry. In: Los Angeles Times, 20/06/2008.

27 É importante referir que Damasco foi durante o reinado da importante dinastia Omíada a capital do mundo árabe, e consequentemente o centro de decisão e o local onde as elites letradas do império islâmico se concentraram. Ver. Hourani, Albert. A History of the Arab Peoples. Faber and Faber, London 2002. Pag. 25-32.